A BALANÇA

Roteiro de curta-metragem

senaryookulu.com

INT. AÇOUGUE - MANHÃ

Um açougue pequeno. Na parede, um certificado de mestre açougueiro emoldurado; a fita da borda está desbotada. O vidro do balcão está vazio.

CEMAL (60 e poucos, mãos grandes, costas retas) levanta a porta de enrolar por dentro. A luz da manhã cai sobre os ganchos vazios.

Cemal tira o pó da balança. Limpa o prato com um pano. Limpa de novo.

Passa a faca na chaira. Uma. Duas. Três.

Olha pela janela para o outro lado. Do outro lado da calçada, uma vitrine gigante com um cartaz: INAUGURAMOS EM 2 DIAS.

Cemal olha o próprio reflexo no vidro e aperta as tiras do avental.

INT. AÇOUGUE - MEIO-DIA

O sininho da porta toca. Entra NEVIN (70 e poucos, sacola de feira de rede).

NEVIN
Duzentos gramas de carne moída.

Cemal tira a carne do gancho, corta, passa no moedor. Coloca a carne moída sobre um papel e deixa na balança.

O ponteiro para em 220.

Cemal tira uma pitada de carne. O ponteiro: 200.

NEVIN (CONT.)
Ai, Cemal, por favor. São vinte gramas.

CEMAL
A senhora disse duzentos.

Nevin deixa o dinheiro sobre o balcão. Ao sair, para na porta e olha a vitrine da frente.

NEVIN
Dizem que inauguram na sexta.

Cemal não responde. Limpa a faca.

INT. AÇOUGUE - TARDE

O açougue vazio. Cemal se senta atrás do balcão e abre o seu caderno de contas. Três linhas na página, todas do mesmo dia.

A porta se abre. Entra EMRE (24, mochila). Para na soleira.

EMRE
Pai.

Cemal fecha o caderno.

CEMAL
Já comeu?

EMRE
Já.

Emre deixa a mochila no canto e tira o avental do gancho. Começa a vestir.

CEMAL
Não precisa. Hoje não tem serviço.

EMRE
Então eu limpo o vidro.

Emre pega o pano e começa a limpar a janela. A luz da vitrine da frente entra pelo pedaço que ele vai limpando.

INT. AÇOUGUE - FIM DE TARDE

Cemal se aproxima da balança. Chama Emre sem olhar para ele.

CEMAL
Vem cá.

Emre passa para trás do balcão. Cemal aponta o zero da balança.

CEMAL (CONT.)
Vazia, marca zero. Se não marcar, você não pesa nada.

Cemal pega a mão de Emre e põe o dedo dele sobre o parafuso de ajuste.

CEMAL (CONT.)
Você pesa errado uma vez. E ninguém volta.

EMRE
Pai, eu...

Emre alcança a mochila. Puxa o zíper.

Pela boca da mochila aparece um colete azul. No peito, o logotipo do supermercado da frente.

Cemal vê. Não levanta os olhos. A mão dele fica sobre a balança.

Um silêncio longo. O zumbido da geladeira.

CEMAL
Quanto eles pagam?

EMRE
(hesita)
Um salário mínimo. Mais as refeições.

CEMAL
Conta as refeições. Eles não vão contar.

Cemal ajusta a balança. O ponteiro se assenta no zero.

Emre enfia o colete de volta na mochila.

EMRE
Três meses. Só até o inverno. Depois eu volto para cá...

CEMAL
Você deixou o vidro bem limpo.

Cemal desamarra o avental e pendura no gancho. Vai até o caixa.

EXT. FRENTE DO AÇOUGUE - NOITE

Cemal baixa a porta de enrolar. O metal ecoa pela rua inteira.

Emre espera a alguns passos. A luz da vitrine da frente pinta de azul o rosto dos dois.

EMRE
Quer que eu venha amanhã?

Cemal põe o cadeado. Gira a chave.

CEMAL
Eu abro às sete.

Emre assente. Os dois saem andando em direções opostas.

Cemal dá alguns passos e para. Se vira.

A ponta do colete azul pende para fora da mochila que Emre leva nas costas.

INT. AÇOUGUE - NOITE

O açougue no escuro. A porta se abre e Cemal entra. Não acende a luz.

De baixo do balcão tira um colete azul dobrado: Emre esqueceu.

Cemal desdobra o colete. Olha o logotipo. Depois dobra com cuidado.

Abre a gaveta onde guarda as facas. Coloca o colete. Fecha.

A balança está vazia. No escuro, marca zero.

FADE OUT.